SUMÁRIO

Agradecimentos..... 9

Introdução 11

1. Escalando um muro imenso 17
2. Rumo a um lar celeste 45
3. A anatomia da fé e a busca da razão 79
4. Uma degustação para a alma 115
5. Deus é a fonte do meu sofrimento? 153
6. Quando Deus ficou calado 205
7. Existe um jardineiro? 239

AGRADECIMENTOS

Com a ajuda e o apoio de muitos, este livro finalmente tomou forma. Expresso minha sincera gratidão a todos eles.

Danielle DuRant proporcionou, como sempre, um apoio inestimável na pesquisa e assumiu a tarefa enfadonha de localizar as fontes das citações.

As editoras Jan Dennis e Jennifer Stair foram de grande valia na solução dos contratempos.

Laura Kendall juntamente com o grupo editorial W Publishing Group costurou tudo no final. À liderança do W Publishing Group — David Moberg, Joey Paul, Rob Birkhead e outros —, quero expressar meus sinceros agradecimentos por suas graciosas palavras de incentivo.

Por último e mais importante, meus agradecimentos à minha esposa, Margie. Ela se debruçou sobre cada página com o máximo de atenção para fazer sugestões que tornam a leitura mais fácil. É com prazer que concedo a ela a última palavra.

Este livro surge como expressão de um coração grato a Deus por tudo o que tem feito em minha vida.

INTRODUÇÃO

Quando comecei a escrever este livro, eu nem imaginava a tarefa difícil que me aguardava.

Na verdade, a dificuldade não era saber o que dizer, mas saber o que *não* dizer. Vivemos em uma época em que as sensibilidades estão afloradas, muitas vezes expressas com críticas violentas. Filosoficamente, você pode acreditar em qualquer coisa, desde que não afirme que é verdade. Moralmente, você pode praticar qualquer coisa, desde que não afirme que é um comportamento "melhor". Religiosamente, você pode se apegar a qualquer coisa, desde que não ponha Jesus Cristo no meio. Se uma ideia espiritual vem do Oriente, ela recebe imunidade às críticas; se é ocidental, é criticada à exaustão. Dessa forma, um jornalista pode entrar em uma igreja e zombar de suas idiossincrasias, mas não ousaria fazer o mesmo caso a cerimônia fosse de um grupo oriental. Esse é o estado de espírito no final do século 20.

Um estado de espírito pode ser uma condição mental perigosa, pois pode esmagar a razão sob o peso dos sentimentos. Mas é isso mesmo o que eu creio que o pós-modernismo melhor retrata — um estado de espírito.

De que maneira alguém em uma atmosfera como essa comunica a mensagem de Jesus Cristo, cuja verdade e os princípios absolutos não são apenas pressupostos, mas também defendidos?

Bem, para começar, que fique bem claro que Jesus não era um ocidental. Aliás, algumas de suas parábolas eram tão orientais

que creio que boa parte do Ocidente talvez não tenha percebido a dureza e o humor daquilo que ele disse. O que aconteceu no Ocidente é que o impacto de Jesus ao longo dos séculos foi sentido de forma tão forte que o *éthos* e o impulso moral de sua mensagem mudaram o curso da civilização ocidental. O naturalista ocidental, com uma atitude de total arrogância, não enxerga isso. Agora, depois que o avanço tecnológico, a riqueza e o empreendedorismo se entreteceram de tal maneira em torno da mensagem de Jesus, modelos populares do cristianismo aparecem como nada mais que egoístas e gananciosos no seu âmago, com fios de pensamento cristão na periferia. Essa adulteração tem merecido, com razão, a censura severa do crítico. Mas faríamos bem em lembrar o que Agostinho disse: nunca devemos julgar uma filosofia por seus excessos. Deixando isso de lado, a maneira que Jesus falou, os provérbios que disse, as histórias que contou e o próprio contexto em que abordou as questões estavam imersos em uma maneira oriental de se expressar. Não esqueçamos isso.

Mas, se o mundo ocidental tem sido culpado de adulterar a mensagem de Jesus, deixando-a irreconhecível, com frequência o mundo oriental tem esquecido que, de forma irresponsável e por sua própria culpa, tem deixado um grande número de crenças religiosas, às vezes bizarras, passarem sem nenhuma crítica. Tomemos, por exemplo, várias formas de culto e práticas orientais. Enquanto escrevia este livro, aconteceu de eu estar em vários desses ambientes. Em um deles, os devotos tinham um grande número de ganchos cravados no corpo. Facas traspassavam seu rosto, e pequenas lanças atravessavam sua língua. Imagens como essas aterrorizam os visitantes e as crianças. É preciso perguntar: Por que os mesmos pensadores que criticam toda e qualquer forma de espiritualidade ocidental não condenam isso?

Mais perto de nós, vemos os textos de Deepak Chopra, que ensina uma doutrina de espiritualidade, sucesso e prosperidade entretecida a partir de ensinamentos védicos, carma e autodeificação. Em contraste, vemos milhões de pessoas comprometidas com essa cosmovisão implícita vivendo em pobreza degradante. Será que de alguma forma elas erraram o alvo? O que está errado com esse quadro? É possível ver de imediato que cada religião tem de enfrentar a responsabilidade de responder às perguntas que lhe são apresentadas.

Inúmeros outros debates podem ser levantados, mas a questão básica permanece a mesma.

Em consequência de tudo isso, graves distorções têm entrado em voga. Alguns defensores de outros credos religiosos falam sobre o "mito da singularidade do cristianismo". Outros declaram que é errado alguém propagar sua fé e que a ideia de "conversão" deve ser banida.

Esse estado de espírito leva a uma tirania sem igual.

A realidade é que, se a religião deve ser tratada com respeito intelectual, então tem de passar pelo teste da verdade, independentemente da tendência existente. Este livro é uma defesa da singularidade da mensagem cristã.

Quando eu o concluí, senti que gostaria de ter dito mais e apresentado mais argumentos, mas o ambiente atual talvez não se preste a nada além disso.

O caminho que segui foi apresentar uma clara diferença entre Jesus e qualquer outro pretendente à condição de Deus ou de profeta. Selecionei seis perguntas às quais Jesus respondeu de uma forma que ninguém mais teria respondido. Um oponente talvez discorde das respostas dele, mas, quando essas respostas são consideradas na sua totalidade, os adversários não conseguirão questionar sua singularidade. Creio que cada uma das

respostas é fascinante, e eu gostaria de ter podido fazer justiça a cada pergunta. No ritmo em que avançavam, os capítulos estavam se tornando cada vez mais longos, à medida que era necessário tratar os assuntos de forma adequada.

A dificuldade em limitar o comprimento dos capítulos foi agravada pelo fato de que eu também precisava contrastar as respostas com as de outras religiões importantes. De longe, a pergunta mais difícil de tratar foi aquela feita a Jesus sobre a dor e o sofrimento. Dividi esse capítulo em três partes.

O capítulo final não é uma pergunta feita a Jesus, mas uma pergunta feita em seu nome a seus seguidores e aos céticos que dele duvidam. Fazia todo sentido concluí-lo dessa maneira.

Conforme você logo notará, não apresentei as respostas de Jesus em contraste com cada religião que oferece respostas sobre esses assuntos. Tratei apenas daquelas que ainda atraem um grande número de seguidores ao redor do mundo: islamismo, hinduísmo e budismo.

Tenho de dizer mais uma coisa. Percorri milhares de quilômetros enquanto escrevia o livro; fiz isso não apenas pelo livro em si, mas também por causa dos convites para falar em várias partes do mundo. Visitei templos, mesquitas e outros espaços religiosos. Conversei com estudantes em universidades em que a religião predominante não é a cristã. No decorrer do processo, conheci algumas pessoas excelentes e graciosas. Por natureza, sou alguém relacional. Aprecio conversar, em especial ao redor da mesa, comendo com pessoas com quem acabei de fazer amizade. Uma dessas pessoas foi o camareiro de um hotel onde eu estava hospedado. Ele é muçulmano. Todos os dias, quando entrava para arrumar o quarto, ele também me preparava uma xícara de chá, e conversávamos. Em seu dia de folga, ele me levou para ver sua cidade, e visitamos muitos locais de adoração. Jamais o esquecerei.

Gostaria de ver mais pessoas demonstrarem a bondade que ele demonstrou e a cortesia que sempre ofereceu.

E é isso que quero destacar. Podemos ter cosmovisões totalmente opostas sem raiva e sem distribuir ofensas. Aquilo em que acredito, acredito com muita seriedade. E é por causa disso que escrevi o livro. E, para não usar dois pesos e duas medidas, tenho de questionar qualquer coisa contrária.

Minha sincera oração é que, ao ler este livro, você julgue a mensagem cristã com base na verdade, não no estado de espírito de nossa época. O estado de espírito muda. A verdade não.

1

ESCALANDO UM MURO IMENSO

Começo com um incidente que ocorreu comigo e provoca um turbilhão de emoções em mim. Alguns acontecimentos são fáceis de relembrar. Outros, quando relembrados, doem como uma ferida reaberta, mesmo com o passar do tempo. Somente por tal razão, dentre todas as minhas lembranças do passado, considero essa bem difícil de tornar a contar. Apenas porque os anos que se passaram me ajudaram a olhar além das feridas antigas é que consigo trazer para o presente esse momento, ocorrido muito tempo atrás. Mas, mais do que isso, é bem possível que, junto com um punhado de outros, esse triste acontecimento tenha começado minha jornada rumo a Deus, ao me levar a uma freada brusca e ao me forçar a fazer a mim mesmo algumas perguntas difíceis.

Eu tinha dezesseis anos de idade e fazia um curso técnico que permitia concluir o ensino médio de forma mais rápida. Certo dia, depois de as aulas terminarem normalmente, eu estava voltando para casa de bicicleta, sem suspeitar o que me aguardava. Do meu ponto de vista esse tinha sido um dia rotineiro, tão normal quanto qualquer outro. Mas ele ia terminar de forma diferente.

Quando fiz a curva e entrei em nosso quintal, vi algo que era totalmente fora do comum. Usualmente meu pai nem mesmo

estaria em casa nessa hora, mas lá estava ele, parado, com os braços estendidos de um lado a outro da porta, como se quisesse barrar minha entrada em casa. Eu o cumprimentei com um olhar furtivo, e ele não deu nenhuma resposta. Senti seus olhos me fuzilarem, o que levou meu coração a ver que isso prenunciava sérios problemas.

Minha relação com meu pai deixava muito a desejar, e minha vida sem rumo era motivo de imensa frustração para ele. Posso dizer com toda franqueza que eu o temia de maneiras que até hoje não sei se entendo muito bem. Esse foi um momento que jamais esquecerei.

— Como foi a escola? —, ele perguntou.

Era uma pergunta que ele nunca havia feito antes. Em geral meu boletim respondia à pergunta, dando ocasião a discussões tensas. Eu devia ter percebido que ele tinha um motivo para perguntar nesse dia, mas, sem nenhuma suspeita, respondi:

— Sem problema.

Seria difícil reproduzir as exatas palavras que ele pronunciou em seguida, mas a raiva torrencial que descarregou sobre mim e a surra que recebi me deixaram tremendo e soluçando. Caso minha mãe não tivesse intervindo, eu poderia ter ficado seriamente machucado. Meu engodo tinha acabado. Um jogo em que eu havia me metido de maneira insensata tivera um final desastroso, sem nenhum vencedor.

A verdade é que eu não tinha ido à escola naquele dia. Aliás, fazia algum tempo que eu não ia lá. Havia passado os dias perambulando de bicicleta pelas ruas, procurando uma partida de críquete para ver ou talvez até mesmo para participar. Sem assistir às aulas, eu aparecia para os exames e era aprovado, mas com notas baixas. De que maneira esperava escapar impune com essa artimanha é algo que jamais saberei. Mas o erro tem um jeito de roubar até mesmo o bom senso de alguém.

Antes de mais nada, por que tudo isso tinha acontecido? Alguém talvez pense que o episódio todo apenas indicava uma intensa aversão pela escola. Mas havia bem mais do que isso. Ninguém que me conhecesse jamais teria suspeitado da profundidade do vazio dentro de mim. Eu era um daqueles adolescentes que se debatiam muito por dentro, sem saber onde procurar respostas. Além disso, eu não sabia sequer se existiam respostas aos meus anseios mais profundos. Será que todo mundo que eu conhecia enfrentava a mesma intensidade de questionamento, mas conseguia esconder isso melhor? Ou será que o ceticismo é a condição de apenas uns poucos infelizes? Dizendo isso com todas as letras, para mim a vida simplesmente não fazia sentido. Todos os anseios reprimidos e reunidos não passavam de um desejo que não tinha nenhuma possibilidade de se realizar. A descrição que Jean-Paul Sartre faz da vida como uma paixão inútil parecia bem adequada. É provável que esse confronto com meu pai resumisse tudo o que estava me rasgando por dentro.

Naquela noite, fiquei de castigo de frente para um muro. É bem possível que esse castigo tenha sido uma metáfora bastante apropriada da minha vida. Minhas lutas mais prementes haviam me aprisionado, e, naquelas horas, carregado de remorso, eu me perguntava como conseguiria um dia me libertar para respirar o ar puro de uma vida sem algemas.

O poema "The ballad of Reading gaol" [Balada do cárcere de Reading], escrito por Oscar Wilde na prisão, expressa isso muito bem:

> Nunca vi homens tristes que olhavam
> com olhar tão melancólico
> para aquela pequena tenda azul
> que nós, prisioneiros, chamamos de céu,
> e para cada nuvem descuidada
> que passava alegre e feliz.